



DONA BENTA E TIA NASTÁCIA – REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NOS ANOS DE 1920-1930

Ana Carolina S. Veloso
kkarolveloso@yahoo.com.br
(UERJ)

Resumo

O presente artigo apresenta dados de uma pesquisa de caráter histórico sobre as representações de mulheres nos livros infantis de Monteiro Lobato e visa contribuir com pesquisas que se debrucem sobre os estudos relativos à modernidade, e as representações do gênero feminino nas décadas de 20 à 30 no contexto brasileiro. Em um primeiro momento, ressaltamos a interferência das inovações tecnológicas, culturais e educacionais nas narrativas do Sítio do Pica Pau Amarelo. Desse modo, através de pesquisa bibliográfica, nos debruçamos sobre o conceito de representação, que possibilita a apreensão das relações da escrita fictícia de Lobato com a realidade vivida pelas mulheres, tendo em conta o recorte temporal analisado. Com esse propósito, buscamos nas práticas das personagens Dona Benta e tia Nastácia imagens do ser mulher no início do século XX.

Palavras-chave: Mulheres. Modernidade. Monteiro Lobato.

Estamos nós vivendo em plena era dos milagres, sem que prestemos a menor atenção a isso. [...] Imaginem que um homem do tempo antigo ressuscitasse agora. Poderia compreender as coisas que temos e às quais não ligamos a mínima importância? Estou imaginando as aflições do coitado! Vira-se para cá, e dá com uma pessoa falando pelo telefone com um morador em outro continente – e logo julga que são dois mágicos que conversam. Vai ao cinema e vê desenrolar-se uma fita americana de bandidos moderníssimos, que se atacam uns aos outros com metralhadoras. O nosso homem não entende nada e fica certo de que há gente representando atrás do pano. Vai espiar. Não encontra ninguém e abre a bôca... A idade dos milagres é esta. De momento a momento novas maravilhas saem dos laboratórios científicos. As invenções se atropelam. (...) Em nossa era o progresso corre mais rápido num mês de que na antiguidade corria em séculos.¹ (LOBATO 2, 1957, p. 203)

Nos últimos anos a percepção comum é de que as horas passam mais rápido e, em nossos dias corridos, profissões e objetos tornam-se obsoletos. Todavia, constata-se na epígrafe deste artigo que este é um sentimento presente em outros momentos históricos. Ao verificar o ano em

¹ O fragmento foi retirado do livro História do Mundo para crianças, publicado pela primeira vez em 1933.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

que tal depoimento foi registrado, quem recebe um *choque* é o leitor. Afinal de contas, os anos de 1930 são, na perspectiva atual, o *tempo antigo* a que o indivíduo se refere.

A reflexão torna-se ainda mais interessante por tratar-se de produto de quem vivia as mudanças e, ainda assim, conseguia se distanciar e pensar sobre o tempo vivido. Quando descobrimos que esse depoimento não esteve em um jornal ou conto do intelectual Monteiro Lobato², mas nas páginas de um livro infantil — trata-se da fala de uma avó a seus netos, em um sítio no interior do Brasil — o estranhamento torna-se mais contundente.

Essas reflexões sobre os tempos históricos e a compreensão da modernidade eram geralmente abordadas na literatura infantil da época? De que educação e leituras aquela mulher fictícia se utilizava para formular uma compreensão tão elaborada de seu próprio tempo? Esse é o tema de conversas comuns aos indivíduos do sexo feminino? Onde a ficção e a realidade se encontram nessas narrativas?

De modo a responder a primeira pergunta, convém abordar os estudos que se debruçam sobre a literatura infantil. Na leitura do ensaio *Literatura Infantil Brasileira — História e Histórias* (1994), por exemplo, verifica-se que este não era o roteiro comum aos livros infantis. Mesmo porque estes eram escassos e se constituíam, na maioria das vezes, de traduções. Nas palavras das pesquisadoras Marisa Lajolo e Regina Zilberman,

[...] Lobato, já escritor famoso, passa a correr numa outra faixa: investe progressivamente na literatura para crianças, de um lado como autor, de outro como empresário, fundando editoras, como a Monteiro Lobato e Cia., depois a Companhia Editora Nacional e a Brasiliense, e publicando os próprios livros. O comportamento é original, pois, na ocasião, havia poucas casas editoras, a maioria aparecida e moldada no século XIX, como a Francisco Alves, a Briguelet ou a Quaresma, e eram raros os livros infantis. Reunir ambas as iniciativas era ainda mais ousado, mas é gesto de quem inaugura novos tempos enquanto está se iniciando a uma nova modalidade de expressão literária. (LAJOLO e ZILBERMAN, 1994, p.46)

Monteiro Lobato é duplamente reconhecido pela promoção de livros para crianças, cabendo a ele, em grande parte, o estímulo para a publicação destinada a este público e o

² Monteiro Lobato é considerado um expoente no processo de conformação da intelectualidade brasileira dos anos 20-30, além de um marco na Literatura Infantil Brasileira. Escreveu seu primeiro livro dedicado às crianças em 1921, *A Menina do Narizinho Arrebitado*, e o último em 1944, *Os Dozes Trabalhos de Hércules*. Conferir a esse respeito ARROYO (1968), LAJOLO (1999, 2000), ZILBERMAN (1983, 2004) e COELHO (1998).





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

exercício de uma escrita mais brasileira e questionadora. Em inúmeros trabalhos, críticos literários e historiadores afastam-se da escrita polida e o olhar arguidor, característicos da pesquisa científica, e desdobram-se em elogios e entusiasmos:

Pode-se argüir também que **Lobato foi um dos precursores da postulação, do questionamento, da contestação às verdades fáceis e estabelecidas.** Quem educou, com seus livros, para a liberdade, preparou, a seu modo, o caminho para a onda de liberdade criadora que favorece o mundo de hoje. (grifos meus) (ALVAREZ, 1988)

O Lobatólogo, Cassiano Nunes³ (1998) também é contundente ao elogiar a obra infantil de Monteiro Lobato e acaba por mistificar a figura do autor, apontando suas inúmeras qualidades:

Que Lobato tenha inserido quase que inconscientemente nas suas histórias do Picapau Amarelo referências a problemas nacionais e universais não comprova o seu espírito realista e a sua translação para um cenário de magia e entretenimento? Ao contrário do que muitos pensam, o realismo não consiste em falar só em assuntos sexuais ou econômicos. A arte é sempre uma seleção, uma destilação. **A superioridade de Lobato sobre seus confrades, no gênero em referência, explica-se por uma personalidade rica, ímpar, que domina o instrumento da língua e a técnica literária como só raros fazem.** (p. 223)

A declaração acima parece bastante ingênua, já que em suas cartas o próprio Lobato revela a intencionalidade dos temas abordados nas narrativas para o público infantil. Muitas de suas cartas apontam o interesse do autor em tornar o público crítico, questionador da realidade do país e do planeta, como se observa em um fragmento de correspondência trocada com o amigo Rangel:

Diz o Neves que você gostou d’A chave do tamanho. Isso me deu prazer. A Chave é filosofia que gente burra não entende. É demonstração pitoresca do princípio da relatividade das coisas. (LOBATO₈, 2010, p. 551)

No entanto, nos trabalhos mais recentes que pretendem tratar o autor com maior distanciamento, destacando suas intencionalidades e as escolhas influenciadas por fatores financeiros, percebe-se que Monteiro Lobato inovou no diálogo com o leitor de pouca idade, para

³ O professor de letras e poeta Cassiano Nunes (1921-2007) escreveu mais de dez livros sobre Monteiro Lobato, mapeando as múltiplas facetas do autor: escritor de contos, editor, escritor infantil, intelectual etc. Conferir a produção bibliográfica do autor. Conferir a produção bibliográfica do autor: *Novos estudos sobre Monteiro Lobato*. (1998); *Monteiro Lobato: o editor do Brasil*. (2000); *Monteiro Lobato e Anísio Teixeira: o sonho da educação no Brasil*. (1986); *A atualidade de Monteiro Lobato*. (1985.) etc.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

ele, capaz de pensar tal qual e ainda mais livre de preconceitos do que os de idade avançada.

Nessa perspectiva, Enio Passiani (2003) destaca que:

Lobato elaborou, na nova região que adentrava, um novo projeto artístico, segundo o qual a literatura se convertia num poderoso e, ao mesmo tempo, divertido instrumento de aprendizagem, dirigido a um público que antes de Lobato era tratado de maneira equivocada, pois as crianças eram vistas pelos escritores como adultos em miniatura. (p. 245)

Atenta ao fazer histórico, sublinho que as possíveis respostas deste artigo relacionam-se com o contexto histórico dos anos de 1920/1930, bastante turbulento, e que acarretou mudanças no campo da política, da educação e das artes. Monteiro Lobato não esteve sozinho. Mesmo suas ditas inovações sofreram influências e, de alguma forma, receberam um contorno do Brasil que se construía em meio às contradições e modernidades⁴.

Essa primeira suspeita confirma-se já nas leituras preliminares da obra intitulada Sítio do Picapau Amarelo: Monteiro Lobato compõe suas histórias sem negar o tempo vivido. As narrativas infantis analisadas evidenciam as transformações dos anos 30, trazendo em suas páginas o cinema, o vestuário e outras modernidades do período histórico. Além de indicarem como foram sendo lentamente assimiladas pelo povo brasileiro:

Hoje temos por aqui muitas fábricas de fósforos, **marca Ôlho**, marca Pinheiro, etc. Tempos houve, porém, em que só usávamos o fósforo vindo da Suécia, por sinal que excelente. Lembro-me perfeitamente dêles. Um leiteiro amarelo em língua sueca e a palavra Jonkoping embaixo. O povo dizia que eram fósforos do João dos Copinhos... (grifos do autor) (LOBATO¹, 1957, p. 242)

Por este motivo, pesquisadores — como a redatora deste artigo — consideram a literatura de Lobato um documento, onde se pode entrever anseios e temas em destaque na época vivida pelo autor. Importa analisar que a escrita, a construção de uma personagem pelo escritor não é ingênua, assim como a de outros documentos:

[...] resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro — voluntária ou involuntariamente — determinada imagem de si próprias. No limite,

⁴ O período estudado foi emblemático, para a construção de uma nova imagem nacional. Segundo HERSCHMANN e PEREIRA (1994), este período se caracteriza como um “momento de *descoberta do Brasil* — pelo menos para boa parte dos intelectuais de então — e de busca de um rompimento definitivo com o provincianismo, o formalismo e a repetição de velhas fórmulas que não mais davam conta de um cotidiano cada vez mais urbano e industrial. Os anos 20-30 testemunharam desde o anarquismo irônico da Semana de 22 até a sisudez autoritária do Estado Novo”. (p. 29-30)





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

não existe um documento-verdade. Todo documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. (LE GOFF, 1996, p. 538)

Deste modo, nas páginas deste artigo, a intenção é, por meio de pesquisa interdisciplinar, contribuir com o debate das questões historiográficas. O diálogo entre a teoria e as representações das mulheres escritas por Lobato, nas vozes das personagens Dona Benta e Tia Nastácia, instiga a experimentar as *lentes* da micro-história, já que permitem “não rejeitar todas as formas de abstração, pois fatos insignificantes e casos individuais podem servir para revelar um fenômeno mais geral” (LEVI, 1992, p.158).

Ainda por tratar-se de um documento literário, estimo a aproximação com os estudos da história cultural, mais precisamente aquela que se dedica ao suporte livro e às práticas de leitura, bem como a história da educação, com destaque para os estudos sobre o modelo da Escola Nova. Afinal, como nos alerta Darnton (2010):

Nenhuma delas — a história, a literatura, a economia, a sociologia, a bibliografia — é capaz de fazer justiça a todos os aspectos da vida de um livro. Pela sua própria natureza, portanto, a história dos livros deve operar em escala internacional e com método interdisciplinar. (p. 149)

Neste artigo, essas disciplinas serão cruzadas em busca de respostas e novas indagações sobre as continuidades e rupturas no fazer-se *mulher moderna* no cenário dos anos 20 e 30.

Dona Benta — dona de casa e professora moderna

Em que pese a epígrafe do texto, embasados na breve problematização do recorte temporal, observamos que a personagem Dona Benta não condiz com o interior brasileiro. Nos livros, apesar de habitar uma área rural, diferente do que se espera, ela mesma comanda o sítio que abriga um laboratório, produz café etc. Ela é uma mulher de negócios, de política e de ciência. É possível que a personagem apresente características distintas das mulheres de seu tempo, porque foi escrita e idealizada por um indivíduo emblemático, conhecido pela escrita panfletária e literatura engajada nas questões sócio-políticas do sertão e das cidades do país. Salientados esses aspectos da personalidade de Monteiro Lobato, convém abordar que:





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou justificar, para os indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. (CHARTIER, 1990, p.17)

Dona Benta, emblemática em todo o Brasil e outros países da América Latina, é quase um sinônimo de sabedoria. Produto da pena refinada de um amante do novo — petróleo, ferro, eletricidade —, seus olhos brilham tanto quanto os de Lobato ao tratar das modernidades a sua volta. Sua idade avançada em nada retarda a busca por conhecimentos; essa avó acompanha os avanços da tecnologia e, preocupada com a educação de seus netos, parece disposta ao diálogo: pacientemente ouve as perguntas e “asneiras” das crianças e, de maneira simples, procura dissipar suas dúvidas, como no fragmento a seguir:

Dona Benta costumava receber livros novos, de ciência, de arte, de literatura. Era o tipo da **velhinha novidadeira**. Bem dizia o compadre Teodorico: “Dona Benta parece velha mas não é, tem o espírito mais moço que o de muitas jovens de vinte anos”. (...) - Este livro não é para crianças, disse ela; mas se eu ler do meu modo, vocês entenderão tudo. **Não tenham receio de me interromperem com perguntas**, sempre que houver qualquer coisa obscura. Aqui está o prefácio... (grifos meus) (LOBATO₁, 1957 209-210)

Na leitura de *História das invenções* pode-se inferir que os saberes de Dona Benta, *um Camile Flammarion de saia*⁵, vêm das obras de grandes filósofos e livros que recebe da capital:

– Tenho aqui um **livro de Hendrik Van Loon**, disse ela [dona Benta], um sábio americano, autor de coisas muito interessantes. Ele sai dos caminhos por onde todo mundo anda e fala das ciências dum modo que tudo vira romance, de tão atrativo. Já li para vocês a geografia que ele escreveu e agora vou ler este último livro – História das Invenções do Homem, o Fazedor de Milagres (LOBATO₁, 1957, p.310).

As práticas de leitura de Dona Benta, por exemplo, parecem distantes daquelas recomendadas pelas autoridades católicas para as mulheres dos anos vinte e trinta. Os filósofos e cientistas deviam ser destinados à competência masculina. Acompanhemos as palavras de Julia de

⁵ (LOBATO₁, 1957, p. 205)





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Lopes Almeida, escritora de romances, manuais, livros infantis que pregavam a moral e a boa conduta cristã⁶:

Continue a estudar; leia com cuidado. Um bom livro é sempre salutar para a alma. Fuja das teorias filosóficas e das exposições pessimistas dos espíritos doentes. Não se deixe prender, como tantas outras mulheres inteligentes do nosso tempo e da sua instrução, pelos assuntos guindados das teses sociais; deixe tais argumentos à competência e à prática dos homens (Apud: HELLER, 2006, p.74).

Se, por um lado, essa não era a recomendação, por outro, a necessidade de tal *puxão de orelha* sugere que mulheres reais praticassem leituras dos mesmos temas ou autores que Dona Benta. Até porque outras autoridades, ligadas à renovação do campo educacional, recomendavam às mulheres da época estar a par dos progressos científicos. De acordo com as pesquisas das historiadoras Maluf e Mott (2008), nos documentos do Ministério da Saúde e da Educação:

(...) esperava-se que as mulheres dominassem um pouco de diferentes assuntos: “[...] as ciências naturais, a higiene, a física, a química, a astronomia, a matemática, a geografia, as artes, as indústrias, tudo, representa uma necessidade real! A mestra deve ser a Mãe, e é preciso que a mulher tenha uma soma grande de conhecimentos, para não perder uma interrogação do filho”. (p.405-406)

As contradições do período emergem também no campo feminino: as mulheres do início do século XX vislumbram no âmbito doméstico as divergências dos preceitos católicos e científicos, cabendo-lhes conciliar os deveres familiares e as inovações tecnológicas para administrarem adequadamente seu lar. Ainda de acordo com as pesquisadoras Maluf e Mott (2008), seja qual fosse a corrente escolhida, eram muitas as prescrições:

A imagem da mãe-esposa-dona de casa como a principal e mais importante função da mulher correspondia àquilo que era pregado pela Igreja, ensinado por médicos e juristas, legitimado pelo Estado e divulgado pela imprensa. Mais que isso, tal representação acabou por recobrir o ser mulher — e a sua relação com as suas obrigações passou a ser medida e avaliada pelas prescrições do dever ser. (p.374)

⁶ Apesar da jornalista, autora de romances, contos, crônicas, peças teatrais, livros infantis e educativos, em seus escritos aconselhar a mulher a prioritariamente dedicar-se ao lar e aos filhos, Júlia Lopes de Almeida militou em variadas frentes na vida pública, e esteve envolvida com o nascente movimento feminista neste final do século XIX. (MAGALDI – 2008) Sua aparente ambigüidade estava em consonância com as contradições femininas do período histórico.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Havia o medo de que a modernidade alterasse a moral da sociedade cristã brasileira. Conforme os espaços, público e privado, tornavam-se mais distantes e determinados, era preciso lembrar à mulher o seu papel de *guardiã da família*. Sim, elas eram alvo de variadas propagandas publicitárias, mas não necessariamente donas do dinheiro. De acordo com parte dos intelectuais da época, seu lugar era a casa; ademais, sua formação psicológica — coração e sensibilidade — não era adequada à velocidade e às intempéries das cidades. Nas *selvas de pedra*⁷ que surgiam, era imprescindível tomar decisões rápidas e inteligentes, ou seja, ser do sexo masculino.

No discurso do Padre Leonel Franca⁸, por exemplo, essa distinção entre os sexos era natural e devia ser respeitada:

[...] o Pe. Leonel Franca procura demonstrar a diversidade dos tipos psicológicos que correspondem a cada um dos sexos: “O homem e a mulher são dois tipos psicológicos distintos naturais, dominantes, harmonicamente complementares”. Enquanto o homem é “egocêntrico e com tendência à abstração”, a mulher é “alterocêntrica e intuitiva”. Nesse sentido, “por tendência natural”, a mulher coloca fora de si os objetos de seu amor, prazer e ambição: o marido, os filhos etc., não em razão de “influências particulares de uma época ou de um país”, mas em função do “patrimônio de aptidões psicológicas próprias e insubstituíveis dado pela natureza”, pelo fato da “universalidade de sua existência”. A diferença não é contingente, mas uma necessidade natural. (SOUZA, 1995, p. 40)

Esta não é a visão de Dona Benta; para ela, as diferenças entre os homens e as mulheres eram *fabricadas*. Vejamos como ela responde à sua neta, indignada com a desigualdade entre os gêneros:

- Por que em toda parte essa desigualdade das leis e costumes, vovó? Por que tudo para o homem e nada para a mulher?
- Por uma razão muito simples. Porque os homens, como mais fortes, foram os fabricantes das leis e costumes — e sempre trataram de puxar a brasa para a sua sardinha. (LOBATO, 1977, p. 69)

Mesmo para as mulheres que precisavam trabalhar e complementar a renda familiar, as ofertas de emprego eram restritas e a autorização do pai ou marido, obrigatória⁹. Algumas

⁷ O termo era utilizado na época, pois se acreditava que o “espectro da cidade grande perturba o desenvolvimento adequado e positivo dos indivíduos.” Conferir o assunto em SOUZA, 1995.

⁸ O Padre Leonel Franca, cujos ideais propagavam os preceitos católicos, estava sempre em contato com as instituições de formação de meninas e professoras. Representante das diretrizes cristãs no debate da educação superior, o intelectual foi o primeiro diretor e depois reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. (SOUZA, 1995)





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

profissões eram consideradas ideais para o gênero feminino, pois expandiam a personalidade caridosa feminina: haveria na mulher uma necessidade em cuidar do outro, ajudar, ensinar. Dentro de casa, mulheres-mães-esposas, ou profissionalmente, enfermeiras-professoras-domésticas, elas deviam ser “a fé contra a razão, a caridade contra o capitalismo e a reprodução como justificativa”. (PERROT, 1992, p. 180).

Apesar de contrária às idéias apregoadas pela igreja católica, representadas neste artigo pelo parecer do Pe. Leonel Franca, Dona Benta não escapava aos estereótipos. Nas narrativas, algumas vezes, aparece como enfermeira:

Não tem conta aqui no sítio o número de cortaduras de pés, que eu curei; de estrepes, que eu tirei; de topadas de arrancar unha, que eu tratei. Pobres pés! Feios, sujos, de sola grossíssima, toda rachada, dedos cheios de cicatrizes... (LOBATO₁, 1957, p. 292)

E quase sempre como professora:

A viagem de Dona Benta pela estratosfera veio assanhar os meninos. Surgiram projetos, cada qual mais louco. Por fim a **professora** disse:
- Chega de fantasia; vamos agora voltar ao arzinho que temos por aqui em redor de nós. O homem sempre soube, por experiência, que quando mergulhava n'água, a água exercia pressão sobre seu corpo, tanto maior quanto mais fundo mergulhasse. Mas que o ar também exercesse pressão, isso ninguém sabia. (LOBATO₆, 1957, p. 15)

Pode parecer contraditório, no entanto, Dona Benta, ao adotar um modelo, o fazia pelas vias da *modernidade*. A personagem seguia as prescrições daqueles que eram reconhecidos como *reformadores* da educação brasileira¹⁰. Embora solicitasse aos netos “chega de fantasia” durante a leitura das narrativas, percebe-se que essa avó não inibia a potencialidade criadora dos infantes.

⁹ De acordo com o *Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio*: “Entre as ocupações do trabalho feminino, em que as aptidões do sexo mais se enquadram, estão as carreiras sociais, tais como são os serviços de enfermagem, visitadora-enfermeira, professora infantil, assistência social aos operários, combate à mendicidade etc. Nestas funções a mulher poderá exercitar em toda a sua plenitude, os mais nobres caracteres do seu sexo, nelas desenvolvendo a solicitude, a paciência, a pertinácia das idéias, a bondade, o afeto maternal, o conforto da adversidade, e a indispensável ação religiosa, predicados peculiares à mulher e que só ela sabe manejar com a doçura capaz de impressionar as inteligências ainda em formação ou os espíritos abalados pelos embates da Vida” (REIS, 1942, p. 74).

¹⁰ De acordo com Libânia Nacif Xavier (2004): “A dificuldade de se acomodar ao real, diante dos problemas advindos de séculos de escravidão, somada ao sentimento de ilosamento provocado pelo fato de viverem em um país de analfabetos, levará os intelectuais das décadas de 1920-1930 a se engajar na dupla tarefa de interpretar a sociedade brasileira (com base em referenciais que não os de raça ou ‘de meio tropical’) e, ao mesmo tempo, estruturar um campo cultural no Brasil, alimentando a idéia de reforma da sociedade por meio da reforma do ensino.” (p. 23)





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Somente tentava administrar os diferentes momentos. Amante das ciências, pedia participação e seriedade nas ocasiões de estudo e experimentação; nos outros, galopava com as crianças nos cavalos da imaginação:

- Uma coisa grande nós temos, meus filhos: a imaginação. Se a nossa inteligência é limitada e de todos os lados dá de encontro com as barreiras, temos o consolo de montar no cavalo da imaginação e galopar pelo infinito...
E puseram-se todos a galopar pelo infinito no cavalo da imaginação. (LOBATO₆, 1957, p 151)

Ademais, experimentação é conceito-chave, para compreender a pedagogia renovada da qual a personagem dá mostras de ser adepta. O ideário da Escola Nova, como ficou conhecido o movimento, defendia uma escola única e brasileira, reconhecendo o nacionalismo como um movimento de proteção e consciência de suas adversidades. Convém lembrar que o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova¹¹ (1932), embora assinado por indivíduos de diferentes posições ideológicas, vislumbrava a possibilidade de interferir na organização da sociedade brasileira por e na educação, apontando onde era necessária a unidade. Segundo a pesquisadora Ana Maria Magaldi (2003):

Isso aparece, por exemplo, no caso dos métodos pedagógicos inovadores adotados na escola, métodos ativos pautados em processos que levavam, como dizia Armanda em sintonia com Cecília Meireles, “a criança a observar, a experimentar, a descobrir e a fazer por si”. (p. 83)

São inúmeras as passagens em que a mestra-avó utiliza exemplos concretos do cotidiano de seus netos ou propõe a experimentação do que não é comum às suas vivências. Seguem alguns exemplos:

A alavanca não verga. Numa das extremidades o homem aplica a força do braço; a outra extremidade ele coloca debaixo do pé que quer levantar; há depois um ponto de apoio onde ele encosta a barra. Esse ponto de apoio quanto mais longe está da extremidade que o braço segura melhor.
- Por quê?
- Porque quanto mais longe estiver do braço, mais multiplica a força do braço.
Experimente. (grifos meus) (LOBATO₆, 1954, p. 259-260)

¹¹ Datado de 1932 e redigido por Fernando de Azevedo, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova foi assinado por outros 26 intelectuais, entre os quais estavam Anísio Teixeira, Afrânio Peixoto, Lourenço Filho, Roquette Pinto e Cecília Meireles (MAGALDI, 2003).





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

- Que passarinho será aquele? — murmurou falando consigo mesmo. E saiu disparado para ver.
- Ora aí está como se forma a ciência — disse a boa senhora. Se o canto do fosse de sabiá, Pedrinho não se incomodaria, porque já conhece o sabiá. Mas como não reconheceu o canto, ficou logo assanhado por saber — e foi correndo ao pomar. A curiosidade diante dum fenômeno que não conhecemos é a mãe da ciência. Logo depois Pedrinho voltou.
- Era uma saíra das raras — a segunda que vejo por aqui, disse ele — e Dona Benta continuou a desenvolver seu tema:
- Muito bem; sua curiosidade, Pedrinho, fez que você adquirisse um conhecimento novo. Ficou sabendo que esse canto é ‘duma saíra rara por aqui’. Para chegar a essa conclusão, você teve de **observar o fenômeno** — de ir ver, porque só com o ouvido não podia identificar o passarinho. Você neste caso fez o papel do cientista que **observa, descobre e fica sabendo**. (grifos meus) (LOBATO₆, 1957, p. 6-7)

[...] Sua cabeça ficará sendo a Terra; a bola ficará sendo a Lua; e o lampião o Sol. Feito isto você dará uma volta completa, sempre a segurar a bola na altura do nariz. As fases da Lua ficarão **perfeitamente demonstradas nessa experiência**. Foram fazer a experiência na sala de jantar e tudo deu certinho. (grifos meus) (LOBATO₆, 1957, p. 171)

As imagens selecionadas, sobre a educação dos anos 30, ratificam a possibilidade de conhecer os tempos históricos através do material literário. Segundo Antonio Castillo Gómez₂ (2003):

Tal presupuesto debe llevar a la explicación de las prácticas de cultura escrita en referencia al contexto histórico y social en el que las mismas nacen, se difunden y cobran sentido. Fuera de esas coordenadas cometemos el riesgo de desvirtuar el fin último de la indagación histórica y la esencial unidad de esta, más Allá de abordala desde perspectivas diferenciadas. (p. 15)

Suspeitas que parecem se confirmar quando se recorre à correspondência de Monteiro Lobato. Ele e Anísio Teixeira¹² tornaram-se amigos no exterior e trocaram cartas, inclusive sobre os livros analisados no presente artigo:

[...] E nós aqui, só por falta de Drake que V. imaginava, a apodrecer entre bispos e polícia. [...] Pobre ‘componente nova entre as forças causadas da humanidade’, pobre Euclides, como foste feliz em ser assassinado antes que os **Tristões, os Arlindo Vieiras e os Francas** se propuzessem a reeditar, no Brazil, a pagodeira torquemadiana ... Mas, êles passam. [...] E a prova são os **42 milheiros da História**

¹² Anísio Teixeira (1900-1971) foi um percussor da *Escola Nova* no Brasil. Reformou o sistema educacional da Bahia e do Rio de Janeiro, exercendo vários cargos executivos. Além de signatário do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, fundou a Universidade do Distrito Federal, em 1935. (MENDONÇA, 2004)





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

do mundo. E o êxito crescente dos seus livros apesar das excomunhões. Mas vivemos entre fantasmas e os fantasmas são cousas realíssimas para que neles acreditam.[...] Dentro de meses saem os seus novos livros, os de ciência... É o mundo sem fantasmas que V. está a criar para as crianças. Santo trabalho, meu caro Lobato, trabalho que me entenece a inteligência muito mais que V. o possa imaginar. (ANÍSIO, 1937)¹³

Anísio Teixeira registra em sua carta que nos *tempos de fantasmas*, a ciência não era para todos, enquanto na produção literária infantil, Monteiro Lobato, indica que a exclusão não se dá somente na relação com o conhecimento científico, mas também com seus *produtos*:

Pois é isso, meus filhos. Nós cá no sítio ainda estamos atrasados em matéria de luz. Ainda usamos o querosene. Mas deixe estar. No dia em que o café subir, eu compro um dínamo para aproveitamento da queda d'água da cachoeirinha do pasto. E havemos de ter luz elétrica excelente e fôrça elétrica para o nosso rádio, em vez dessas baterias incômodas, e para mover minha máquina de costura, e para um batedor de ovos na cozinha, e para um ventilador, e para uma geladeira. Quanta coisa! (LOBATO, 1957, p. 243)

Os estudos de Marina Maluf e Maria Lúcia Mott (1998) parecem corroborar as palavras de Dona Benta:

Apesar da aparente facilidade, traduzida por uma gama variada de aparelhos elétricos oferecidos ao público e por anúncios, nos quais as mulheres executavam os mais difíceis e sujos serviços domésticos sempre sorrindo, ainda era muito restrito o acesso a novos utensílios e a serviços como eletricidade e água encanada. Os novos bens de consumo beneficiaram apenas uma parcela da população, composta daqueles que se decidiram pela novidade, já que a relação dos consumidores com o novo não foi automática e nem sem conflitos. (p.403)

Nesta breve análise, percebem-se indícios¹⁴ do ser mulher nos anos 20-30. Todavia, trata-se de uma mulher específica: a par das inovações tecnológicas, apreciadora das ciências e influenciada pela *nova pedagogia*. Seria coerente afirmar que todas as mulheres tinham acesso

¹³ Os nomes grifados são de intelectuais católicos, o que confirma a divergência de pensamento entre a igreja, Anísio e o amigo Lobato. Um deles, Franca, foi citado anteriormente neste trabalho. Carta de Anísio Teixeira a Monteiro Lobato. 07-07-1937. CPDOC / FGV. Ref: AT c 1928.06.22 - 67:128.

¹⁴ Trata-se de abordagem micro-histórica, “um procedimento que toma o particular como seu ponto de partida (um particular que com freqüência é altamente específico e individual, e seria impossível descrever como um caso típico) e prossegue, identificando seu significado à luz de seu próprio contexto específico”. (LEVI, 1992, p.154)





aos livros da capital? Como as mulheres do povo circulavam nos espaços públicos e privados dos anos 20-30? ¹⁵

Na segunda parte deste artigo, analisamos a construção da personagem Tia Nastácia.

Tia Nastácia — cozinheira e contadora de histórias do povo

De início, observam-se as atividades exercidas pela personagem: quase sempre atrapalhada com suas obrigações na cozinha e outros afazeres domésticos. Tia Nastácia é representada como personagem muito querida pelos leitores das aventuras do sítio, muitos sonham em provar seus bolinhos e pipocas. De acordo com as crianças brasileiras, fictícias ou reais, parecem ser os melhores do mundo:

- Pois é — disse Dona Benta — a razão da nossa viagem a estes séculos foi uma razão ao mesmo tempo sentimental e culinária: a procura de Tia Nastácia, que é **nossa amiga e nossa cozinheira**. E que cozinheira! Como sabe manejar o violino do “gostoso” e tirar dele mil harmonias! O mais simples guizado, um picadinho com batatas, um virado de feijão com torresmos, um vatapá, tudo, enfim que sai de suas panelas, está para o que chamamos comida, como os mármorees ali dos Senhores Fídias e Policleto estão para as esculturas comuns. Perfeitas obras-primas.

- E os bolinhos, vovó? — lembrou a menina do outro lado da mesa. Os bolinhos de tia Nastácia já estão famosos no Brasil inteiro. **Quantas cartas a senhora não recebe das crianças, pedindo a receita dos bolinhos de tia Nastácia?** (grifos meus) (LOBATO₃, 1957, p. 151)

Dar voz a essa personagem torna-se complexo . Quem lê os livros de Monteiro Lobato apenas para fruição pode crer inclusive que sua fala é única: “Credo!”. Mas apesar de não dialogar tanto quanto outros personagens, Tia Nastácia mostra-se nas ações. Não é a toa que se salvou do Minotauro¹⁶ com seus bolinhos; essa mulher *fala com as mãos*. Ao contrário do que parece — e

¹⁵ Segundo Cilza Bignotto (2010): “ A década de vinte herdou, do decênio anterior, a bandeira de luta contra o analfabetismo. Os dados levantados pelo recenseamento de 1920, as discussões e os estudos resultantes da conferência sobre o ensino primário de 1921 e o constrangimento que dominou o ambiente espiritual em 1922, quando ao mesmo tempo que se procurava comemorar o primeiro centenário da independência, pesava sobre a Nação uma cota de 80% de analfabetos – conforme os cálculos da época – transformaram o analfabetismo na grande vergonha do século, no máximo ultraje de um povo que vive a querer entrar na rota da “moderna civilização”.

¹⁶ O Minotauro foi publicado em 1937. Na narrativa, Tia Nastácia é raptada pelo monstro grego que dá nome a aventura. Graças aos seus deliciosos bolinhos, a cozinheira sobrevive. Afinal, como seria possível fazer mal àquela





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

dizem as crianças do próprio sítio —, não é que Tia Nastácia não *saiba de nada*; a questão é que ela possui outro tipo de conhecimento e que, naquela época e ainda hoje, não é valorizado. Ela domina a arte da culinária, sabe na prática e não na ciência:

- Tia Nastácia, que é do pano com que você enxugou a mesa ontem?
- Está no varal, secando, sinhá.
- Bem. Pode ir.

A negra retirou-se com um resmungo e Dona Benta prosseguiu:

- **Vê como sabe coisas e como aplica as ciências?** Sabe que se deixasse o pano amontoado num canto, ele emboloraria. Sabe que para não estragar o pano tem que mantê-lo seco. Sabe que para secá-lo tem de estendê-lo no varal, ao sol ou ao vento. **Mas faz tudo isso sem conhecer as razões teóricas** do emboloramento e da evaporação — coisas que vocês também não sabem, porque ainda não abriram nenhum compêndio de física. (grifos meus)(LOBATO₆, 1957, p. 8)

O interessante para o historiador, ao observar esta personagem de poucas falas e muitos resmungos, é a representação de uma classe: o povo. Através desta personagem e de como se referem a ela, temos acesso a versinhos populares, crendices, pistas importantes para uma pesquisa que:

[...] se movimenta mais firmemente em direção aos ramos não-quantitativos da matemática, para apresentar representações mais realistas e menos mecanicistas, ampliando assim o campo da indeterminação, sem necessariamente rejeitar as elaborações formalizadas. (LEVI, 1992, p .159)

Em várias passagens do livro *Os serões de Dona Benta* de Monteiro Lobato, Tia Nastácia perde sua individualidade, ela representa o povo:

- Uma idéia que eu tive. **Tia Nastácia é o povo**. Tudo que o povo sabe e vai contando de um para o outro, ela deve saber. Estou com o plano de espremer tia Nastácia para tirar o leite de folclore que há nela. (grifos meus) (grifos meus) (LOBATO₅, 1957, p. 4)

E o menino consegue. No entanto, em oposição aos vários títulos em que Dona Benta se propõe a contar histórias e ler, por meio de uma tradução, *bem do seu jeito*. Quando Nastácia conta suas histórias, verificamos que não utiliza palavras suas, mas profere *os causos* tal como os ouviu. Ela pode ser percebida como porta-voz do povo e, algumas vezes, nem sabe explicar os acontecimentos ou reparar a falta de coerência:

mulher e viver sem seus bolinhos? A personagem é salva por Pedrinho, Emília e Visconde no final do livro. (LOBATO₃, 1957)





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

- Que história de contar sete é essa? — perguntou Emília quando a negra chegou ao fim. Não estou entendendo nada.
- Mas isto **não é para entender**, Emília — respondeu a negra. É da história. Foi assim que minha mãe Tiaga me contou o caso da Princesa Ladrona, que **eu passo para diante do jeito que recebi**. (grifos meus) (LOBATO₅, 1957, p.29)

A personagem Tia Nastácia ganha importância no enredo das histórias por meio da percepção dos demais personagens. Inclusive, o personagem Pedrinho desconfiava que Tia Nastácia tivesse muita história para contar:

As negras velhas — disse Pedrinho — são sempre muito sabidas. Mamãe conta de uma que era um verdadeiro dicionário das histórias folclóricas, uma de nome Esméria, que foi escrava de meu avô. Tôdas as noites ela sentava-se na varanda e desfiava histórias e mais histórias. Quem sabe se tia Nastácia não é uma segunda tia Esméria? (LOBATO₅, 1957, p. 4)

As negras velhas brasileiras são conhecidas internacionalmente. A pesquisadora francesa Michelle Perrot, ¹⁷(1992), ao analisar as mulheres populares do início do século XX, lembra a importância das tias Nastácias, Esmérias, Tiagas ... Além de contadoras de histórias maravilhosas, essas mulheres passam adiante histórias da constituição do próprio país e de seu povo:

Pela sua irreverência, ironia e espontaneidade, a fala das mulheres é prenhe de subversão. Ela conserva esse no-que-me-diz-respeito, essa distância que permite que os humildes preservem sua identidade. Resgatem sua memória. **É também pelas — mulheres crepusculares — que se transmite, muitas vezes de mãe para filha, a longa cadeia de histórias de família ou aldeia. (...) As lembranças da escravidão, abolida apenas em 1888, persistem entre o povo brasileiro através das velhas avós.** (PERROT, 1992, p. 206-207)

Enquanto Dona Benta sonha com os eletrodomésticos, Tia Nastácia, ao ver um porco ou ave, imagina-o em uma travessa decorada com ovos. Para a primeira cabem a sala, a varanda e o laboratório; para a segunda, a cozinha:

Dona Benta olha e diz:

- Tia Nastácia, a prima Dodoca vem jantar hoje aqui. Acho bom pegar “aquele um!” e aponta para o coitado.

A negra vai ao paiol, toma uma espiga de milho e grita no terreiro – xuque, xuque, xuque!

Os bobinhos ouvem e vêm correndo atrás do milho que ela começa a debulhar, e comem, comem, comem. De repente a malvada se abaixa e – nhoque! Segura pela perna o tal “aquele um.” E pode o coitadinho espernear e berrar quanto

¹⁷ Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

queira! Não tem remédio. Vai arrastado para a cozinha, onde é assassinado com uma faca de ponta.

E se fosse só isso! Depois de assassinado é pelado com água fervendo, é destripado, temperado e, afinal, assado ao forno. (LOBATO, 1957, p. 77)

Conforme as análises anteriormente desenvolvidas, as modernidades não estavam ao alcance de todos: as cozinhas amplas e ventiladas com fogões elétricos e geladeiras, batedeiras eram raridades.

Nos anos 20-30, na maioria das casas, a cozinha estava longe das estampadas nas revistas:

Muitas cozinhas permaneceram até meados do século como um apêndice da casa, um puxado coberto por telhas-vãs, voltado mais para o quintal do que propriamente para o interior da residência. Além de ser o local onde eram pelados diferentes produtos, preparados os alimentos e lavada a louça, a cozinha era também onde se guardava a bacia para banhos e se fervia a água, banhavam-se as crianças, passava-se a roupa e onde, em muitas casas, as empregadas dormiam sobre esteiras. Ali era realizado um trabalho cansativo, demorado e sujo, seja pela preparação dos pratos, seja pela filmagem das panelas engorduradas e enegrecidas pela fuligem. Basta tomar como exemplo o consumo de aves. Antes da popularização da geladeira, mesmo nas casas mais ricas, sobrevivia o costume ancestral de manter galinheiros, onde eram criados frangos, patos e perus. (MALUF e MOTT, 2008, p.412-413);

E como Tia Nastácia fazia para limpar *as panelas engorduradas e enegrecidas*? Ora! Como o restante do povo, produzia sabão seguindo o versinho:

*Azeite e água brigaram
Certa vez numa vasilha.
Vai tabefe, vem taponá,
Sôco velho ali fervilha.*

*Eis, porém, que a separá-los
A potassa se apressou.
Todos três se combinaram,
O sabão daí dotou.*

Aí está a receita que até a tia Nastácia usa quando faz o que ela chama “sabão de cinza”.

- Ela não, vovó — protestou Narizinho. **Tôda gente na roça diz assim.**

- Pois é isso. Primeiro, tia Nastácia leva uma porção de tempo juntando as cinzas que se acumulam no fogão. Depois enche um barril, aperta bem a cinza e despeja a água em cima. A água atravessa a cinza e vai dissolvendo a potassa nela existente — e sai pelo fundo do barril sob forma dum caldo preto, que tia Nastácia chama “decoada”.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

- **Não só ela que diz decoada, é todo mundo, vovó** — insistiu a menina. (LOBATO₆, 1957, p. 55)

Da substância *decoada*, Tia Nastácia fazia dois tipos de sabão: um mole e outro duro ou de corte. O segundo tipo é citado também pela pesquisadoras Maluf e Mott e MOTT(2008) :

Para a limpeza das panelas e frigideiras de ferro, pedra, barro, cobre e, modernamente, alumínio, consideradas mais econômicas e higiênicas, utilizava-se **sabão feito em casa com uma mistura de cinzas e folha de pau de pita.** (grifos meus) (p.413)

O que leva a crer que a personagem Narizinho: traduzia em seu discurso concepções e ideários da época estava correta: a receita era conhecida por muitos.

Mais uma vez, um dos pontos de encontro entre essas duas personagens — Dona Benta e Tia Nastácia — e as mulheres reais do período eram os serviços dedicados à manutenção da saúde:

Antes de serem as auxiliares reverentes, ansiosas e sempre culpabilizadas dos médicos, as mulheres do povo, pelo contrário, foram suas principais rivais e continuadoras de uma medicina popular, cujas virtudes hoje em dia tende-se a revalorizar. (PERROT, 1992, p. 208)

A perspectiva indicada, pode ser lida no fragmento a seguir:

- E como vai passando o Polegar? Com esta lufa-lufa nem tive tempo de visitá-lo.
- Vai indo, Sinhá, vai sarando. Aleijadinho fica, ah, isso fica mesmo. Quebrou a canela. Eu encanei o melhor que pude, mas não endireita mais – tem que usar muleta. (LOBATO₄, 1957, p. 111)

No exame das práticas da personagem a par de estudos com o mesmo recorte temporal, correspondência e documentos oficiais, encontram-se pistas de quais eram os direitos e deveres das mulheres do início do século XX. E mais: reconhece-se a assertiva de Antônio Gómez (2003), de que:

[...] el estudio del hecho escrito no se puede abordar como si la escritura fuera una “entidad monolítica” o una “destreza indiferenciada”; sino justamente al contrario, siendo conscientes de que todas sus potencialidades dependen de la clase de sistema que prevalece en cada sociedad” (p.95).

Poder-se-ia inferir que, tal como Dona Benta parece ser criação embasada nas características e sonhos de um Monteiro Lobato, urbano e encantado com os Estados Unidos da





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

América¹⁸ — seus automóveis, indústrias e liberdades —, Tia Nastácia seria reflexo do que o escritor viu e ouviu na juventude no Sítio do Barão de Tremembé, seu avô? Teria ouvido neste sítio histórias das escravas dele?¹⁹

Considerações finais

As últimas hipóteses são perguntas a serem buriladas no processo de escrever, reescrever, buscar na escrita ficcional de Monteiro Lobato depoimentos de outro tempo. Na emergência de novas perguntas, confirma-se para a pesquisadora que a escolha do material literário pode ser frutífera.

Ademais, o livro era objeto prestigiado na formação dessa nova sociedade e, por conseguinte, destas mulheres. De acordo com os pesquisadores Carvalho e Toledo (2007):

A expansão dos negócios no livro, a partir da segunda metade da década de 1920, organiza-se em torno das representações articuladas à necessidade política premente de civilizar a sociedade brasileira, e, neste processo de civilização, o livro é alçado a um de seus instrumentos. Como a escola, o livro é edificado como um dos instrumentos cívicos dos que lutam pelo Brasil. (p. 96)

Verifica-se, pois, que o objeto livro, além de ampliar o campo documental do historiador, modifica a relação do historiador - autor, pois:

[...] à medida que os historiadores aprendem a analisar as representações de seus universos a partir de seus temas, inevitavelmente começam a refletir sobre a natureza de seus próprios esforços para representar a história; afinal, a prática da história é um processo de criação de texto e de “ver”, ou seja, de dar forma aos temas. Os historiadores da cultura, particularmente, são forçados a se tornar mais consciente das consequências de suas opções formais e literárias, das quais geralmente não são conscientes. (HUNT, 2006, p. 27)

¹⁸ Em 1927 nomeado pelo presidente Washington Luís, Monteiro Lobato embarca no navio American Legion com destino a Nova Iorque, onde assumiria o cargo de adido comercial.

(<http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato> - Acessado em fevereiro de 2012)

¹⁹ Durante a infância Monteiro Lobato vive nas terras do Visconde de Tremembé, seu avô. Em 1911, quando este falece, Lobato e as irmãs tornam-se herdeiros das terras na região de Taubaté. Na correspondência do autor temos acessos as memórias relativas aos criados, aos animais e contações de histórias. (LOBATO, 2010)





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Neste artigo, buscamos não somente tornar visível a representação da mulher e a importância do livro literário nos anos de 1920 a 1930, por vezes esquecidos na historiografia, como indicar contribuições adicionais para o campo da história da educação.

Referências

- ALVAREZ, Reynaldo Valinho. *Monteiro Lobato, Escritor e Pedagogo*. Rio de Janeiro: Edições Antares, Brasília, INL, 1988.
- ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.
- BIGNOTTO, Cilza. *Monteiro Lobato e a infância na república velha*. (2010) Acessado em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/RepublicaVelha.htm>.
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de; TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Os sentidos da forma: análise material das coleções de Lourenço Filho e Fernando de Azevedo. In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda (org.) *Cinco estudos em história e historiografia da educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.89-110.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. Introdução, p. 13-28.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise e didática*. São Paulo: Ática, 1998.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GÓMEZ, Antonio Castillo. *Historia de la cultura escrita: ideas para el debate*. Revista Brasileira de História da Educação. SBHE. Nº 5. São Paulo: Autores Associados, janeiro/julho, 2003.
- HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- HELLER, Bárbara. *Da pena à prensa: mulheres e leitura no Brasil (1890-1920)*. São Paulo: Porto de Ideias, 2006.
- HERSCHMAN, M.M. PEREIRA, C.A. M. *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20 e 30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994
- LAJOLO, Marisa.). *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. 6 ed. São Paulo: Ática, 1999.
- LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: *História e memória*. 4ª edição. Campinas: EDUNICAMP, 1996.
- LEVI, Giovanni. Sobre micro-história. In: BURKE, Peter (org.) *A escrita da nova história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 133-161.
- LOBATO, Monteiro 1. *História das Invenções*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1957.
- _____ 2. *História do Mundo para as crianças*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1957.
- _____ 3. *O Minotauro*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1957.
- _____ 4. *O Pica-pau Amarelo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1957.
- _____ 5. *Histórias de Tia Nastácia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1957.
- _____ 6. *Serões de Dona Benta*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1957.
- _____ 7. *As Reinações de Narizinho*. São Paulo: Globo, 2010.
- _____ 8. *A Barca de Gleyre*. São Paulo: Globo, 2010.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

MAGALDI, Ana M. B. de Mello. Um “compromisso de honra”: reflexões sobre a participação de duas manifestantes de 1932 no movimento de renovação educacional. In: MAGALDI, Ana Maria; GONDRA, José Gonçalves (orgs.). *A reorganização do campo educacional no Brasil*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003, pp. 77-97.

MALUF, Marina e MOTT, Maria Lúcia. "Recônditos do mundo feminino". In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, v. 3, 2008.

MENDONÇA, Ana Waleska P. C. Anísio Teixeira e a Escola Nova. In: XAVIER, Maria do Carmo. (Org.) *Manifesto dos Pioneiros da Educação: um legado educacional em debate*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

NUNES, Cassiano. *Novos estudos sobre Monteiro Lobato*. Brasília: UNB, 1998.

PASSIANI, Enio. *Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil*. Bauru: Edusc, 2002.

PERROT, M. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.

REIS, Arthur Henock. O trabalho da mulher fora do lar. In: *Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio*. Rio de Janeiro: 1942.

SOUZA, Cynthia Pereira de. Os caminhos da educação masculina e feminina no debate entre católicos e liberais: a questão da co-educação dos sexos, anos 30 e 40. In: GONDRA, José Gonçalves; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. (orgs.). *Pesquisa Histórica: retratos da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: UERJ, 1995, pp. 37-57.

TEIXEIRA, Anísio. *O manifesto dos pioneiros da educação nova*. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, v. 65, n.150, maio/ago, 1984, p. 407-425.

ZILBERMAN, Regina. (org.). *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler: a Literatura Infantil Brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

